

# O 5 de Outubro em Vila Real

## Antologia

Cadernos Culturais  
Câmara Municipal de Vila Real



4  
8

2.<sup>a</sup> Edição

## FOTOGRAFIA DA CAPA

### Sargentos revolucionários de Infantaria 13

Homenagem ao Dr. António Granjo, realizada em Vila Real no dia 16 de Novembro de 1910. Fotografia tirada no lugar do “Paiol” — Arcabuzado — Vila Real, recordando a reunião do comité secreto de 11 de Julho de 1907, de “Conspiração para a Proclamação da República”.

De pé, da esquerda para a direita: 1.º Sargento Alfredo Ferreira — Sargento-Ajudante Agostinho do Espírito Santo — 2.º Sargento António Maria Cabral de Sampaio (RI 19) — Dr. António Granjo — Adelino Samardã — 1.º Sargento Manuel Ribeiro Cardona.

Sentados, da esquerda para a direita: 2.º Sargento Aníbal de Carvalho Figueiredo — 2.º Sargento Francisco de Carvalho Figueiredo — 2.º Sargento António Malheiro — 2.º Sargento Alexandre António Joaquim.

Colecção: Prof. Doutor Eurico José Palheiros de Carvalho Figueiredo

## FOTOGRAFIA DA CONTRACAPA

### Republicanos de Infantaria 13

Homenagem ao Dr. António Granjo, realizada em Vila Real no dia 16 de Novembro de 1910. Fotografia tirada no lugar do “Paiol” — Arcabuzado — Vila Real, “comemorando a reunião do comité secreto de [11 de Julho de] 1907 no mesmo local”.

De pé, da esquerda para a direita: 1.º Sargento César Augusto da Costa Gomes — 1.º Sargento Manuel Lopes — 2.º Sargento Álvaro José Ferreira — 2.º Sargento Baptista — 1.º Sargento Alfredo Ferreira — 1.º Sargento Mário Augusto Vaz — 2.º Sargento António Maria Cabral de Sampaio (RI 19) — 2.º Sargento Elias de Sousa (RI 19) — Alferes Agostinho Baía da Costa Lobo — Adelino Samardã — Coronel José Augusto Pinto Machado — Dr. António Granjo — Sargento-Ajudante Agostinho do Espírito Santo — Sargento-Ajudante António Augusto Mateus — 1.º Sargento Armando Augusto Fernandes — 1.º Sargento José da Luz — 2.º Sargento António Gomes Ferreira.

Sentados, da esquerda para a direita: 1.º Sargento Paulo Ferreira Machado — 2.º Sargento Francisco de Carvalho Figueiredo — 1.º Sargento Manuel Ribeiro Cardona — 2.º Sargento Aníbal de Carvalho Figueiredo — 2.º Sargento Luís de Carvalho Valoura — Desconhecido — 1.º Sargento António Joaquim Dias — 2.º Sargento Varejão — 2.º Sargento Rodrigues — 2.º Sargento Graça — 2.º Sargento Frederique — 2.º Sargento César Augusto Machado — 2.º Sargento Alexandre António Joaquim — Desconhecido — 2.º Sargento António Malheiro — 2.º Sargento Francisco António Esteves — 2.º Sargento Manuel Gaspar — 2.º Sargento José Augusto Cardoso.

Colecção: Prof. Doutor Eurico José Palheiros de Carvalho Figueiredo

---

**Título:** *O 5 de Outubro em Vila Real — Antologia*

**Introdução e selecção de textos de** Elísio Amaral Neves

(Manteve-se a ortografia original dos textos)

Cadernos Culturais, IV Série, n.º 8

Edição: Grémio Literário Vila-Realense / Câmara Municipal de Vila Real

Tiragem: 300 exemplares

Novembro de 2010 (2.ª Edição, Revista)

Depósito Legal: 319097/10

ISBN: 978-972-9462-79-5

Composto e impresso: Minerva Transmontana, Tip., Lda. — Vila Real

# O 5 de Outubro em Vila Real

## Antologia

Introdução de Elísio Amaral Neves

## Introdução

A leitura da imprensa local à época da implantação da República revela-nos uma Vila Real que se prepara para receber o Rei no dia 5 de Outubro, numa visita que o Presidente do Conselho, Teixeira de Sousa, natural do distrito e que em Vila Real se iniciara na política e exercera medicina e jornalismo, se empenhara em organizar como forma de dar a conhecer o norte do país ao Rei, que estivera até aí limitado a uma pequena parte do reino, dadas as circunstâncias em que subira ao trono e as dificuldades de política interna em que o país estava mergulhado.

Poucas são também as referências aos acontecimentos de Lisboa, dado que o telégrafo, na mão dos revoltosos, deixara de funcionar entre o Porto e a capital, e os vendedores de jornais do Porto eram sistematicamente assaltados na estação de caminho-de-ferro, tal a avidez de notícias que se instalara entre os leitores.

A estas notícias sucedem-se as informações relativas ao cancelamento da viagem e ao sucesso da revolução em Lisboa, que o jornal *O Povo do Norte*<sup>1</sup>, em suplemento amplamente distribuído, transforma em pregão: «Viva a República Portuguesa.»

Sousa Costa, testemunha presencial, publica sobre o assunto, em dois livros distintos, textos muito expressivos, não se esquecendo de descrever a alegria, a serenidade no momento da mudança e o aproveitamento que os líderes republicanos dão aos meios colocados à disposição dos responsáveis pela visita do Rei (arcos, bandeiras, foguetes, bandas de música, forças de segurança) para celebrar a

---

<sup>1</sup> *O Povo do Norte*, Vila Real, 6 de Outubro de 1910 (2.º Suplemento ao n.º 800).

República, já que, como o escritor recorda no livro *Milagres de Portugal*, cujo título consideramos não poder ser mais adequado à situação descrita, «nada se perde, tudo se transforma». E, numa reflexão íntima que também partilhamos, Sousa Costa, constatando que «era tão espontâneo o louvor das suas [de alguns monárquicos] palmas, que decidi, de mim para mim, que antes de Lisboa proclamar a República das varandas do seu Município, já o meu distrito a proclamara no íntimo da sua consciência»<sup>2</sup>.

Naturalmente, não faz sentido generalizar esta consciência e muito menos quando conhecemos o resultado dos actos eleitorais<sup>3</sup> que antecederam a República. Digamos que existia alguma coisa para além da tolerância democrática, nalguns casos simpatia, uma simpatia que foi sendo construída na observação das dificuldades que o regime monárquico vivia, na constatação da ineficácia das políticas relativas ao desenvolvimento de Trás-os-Montes, e num certo anticlericalismo, este sim, quase generalizado, chegando a superar as divergências ideológicas entre monárquicos e republicanos.

No limite, diríamos, como Sousa Costa, que havia consciência republicana e falta de estímulo para votar no Partido Republicano Português: «E a ausência de estímulo republicano provinha, menos talvez dum fenómeno de temperamento ou de tradição monárquica, do que da indiferença a que a sua população fora votada pelos evangelistas do novo credo no período de propaganda. Enquanto percorria dia a dia o centro e sul do país, arando a alma do povo, lançando a mãos largas por vezes boas sementes, por vezes sementes péssimas, na ânsia do fruto da emancipação, ao norte, principalmente a Trás-os-Montes, apenas chegava a poeira das sementes lançadas ao espaço, no gesto largo dos semeadores primitivos, que a aragem morna das crónicas jornalistas arrastava no seu seio.»<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> COSTA, Sousa, *Milagres de Portugal — D'Entre Minho e Algarves*, Lisboa, S/data, p. 66.

<sup>3</sup> Eleição para deputados, 28 de Agosto de 1910. Concelho de Vila Real — lista governamental: 2341 votos; lista do Bloco: 1270 votos; lista republicana: 29 votos (*O Povo do Norte*, Vila Real, 4 de Setembro de 1910).

<sup>4</sup> COSTA, Sousa, *op. cit.*, p. 61.

Conhecendo diversos factores que concorreram para a formação da consciência republicana local, permitimo-nos destacar o que julgamos mais consensual — os políticos/jornalistas e os órgãos de informação republicanos que fundaram ou a que deram colaboração:

Augusto César (1841-1894), a quem Magalhães Lima, num comício realizado em Vila Real, chamaria «o grande sonhador»<sup>5</sup>, funda *O Transmontano* (1873-1894) — onde assegura praticamente todas as funções —, o primeiro jornal publicado no concelho e durante muitos anos decano da imprensa republicana no país;

Adelino Samardã (1863-1929), primeiro governador civil do distrito de Vila Real após o advento da República, funda, com Guilhermino Vieira da Silva, *O Povo do Norte* (1891-1932), quatro meses depois da Revolta de 31 de Janeiro «quando uma atmosfera de terror pairava ainda sobre os iníquos julgamentos de Leixões»<sup>6</sup>. Foi igualmente responsável pela edição dos jornais *Aurora da Liberdade* (1896-) e *O Trasmontano* (2.<sup>a</sup> Série) (1897-), e colaborador de *O Transmontano* (1873-1894);

Manuel Maria Coelho (1857-1943), natural de Chaves e um dos principais protagonistas da Revolta de 31 de Janeiro, colaborou em diversos jornais locais, de que se destaca, na qualidade de redactor principal, a *Folha do Norte* (1889-), órgão da Esquerda Dinástica, partido fundado por políticos que representavam a ala mais liberal dos regeneradores;

António Narciso Rebelo Alves Correia (1861-1900), que é tido como um dos mais notáveis jornalistas republicanos, iniciou a sua actividade em Vila Real, onde nasceu, colaborando em diversos jornais, de que se destaca *A Voz Escolar* (1878-);

Amadeu Sanches Barreto<sup>7</sup> e José Sanches Barreto de Figueiredo

<sup>5</sup> *O Povo do Norte*, Vila Real, 10 de Fevereiro de 1929.

<sup>6</sup> *O Povo do Norte*, Vila Real, 7 de Junho de 1908.

<sup>7</sup> Havia, nas forças armadas, desde a década de 1890, um núcleo de republicanos activos, filiados em diversas lojas maçónicas. Amadeu Sanches Barreto era filho do Coronel Barreto de Figueiredo Perdigão, oficial no RI 13, maçom de Altos Graus, e, como Alves da Veiga (chefe civil da Revolta de 31 de Janeiro), um dos poucos portugueses que pertenceram aos quadros do Soberano Gran Consejo General Ibérico (VENTURA, António, *A Carbonária em Portugal — 1897-1910*, 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, 2008, p. 33).

Perdigão Júnior são editores e principais redactores dos jornais *O Escalpel* (1884-), *O Cábula* (1884-), *O Correio de Vila Pouca* (1885-) e *Aurora da Liberdade* (1896-);

José de Carvalho Araújo Júnior, primeiro presidente da Câmara Municipal de Vila Real após o advento da República, funda o *Eco dos Tribunais* (1909-1910), que teve continuação no *Notícias de Vila Real* (1910-1915).

Poderíamos ainda referir *A Juventude* (1883-), de que foi redactor principal António Claro, e *O Clarim* (1892-), entre outros, todos eles usados como meios de propaganda.

No entanto a propaganda local, como a nacional, não estava a ser eficaz e elementos do Partido Republicano Português e dos "dissidentes" do Partido Progressista (certamente com conhecimento do Grande Oriente Lusitano Unido — Maçonaria Portuguesa, a que pertencia uma grande parte das principais figuras republicanas) decidiram criar uma organização revolucionária, o Comité Revolucionário<sup>8</sup>, cujos núcleos conhecemos por comités secretos ou revolucionários, a que competia a organização da acção armada e a propaganda e controlo das unidades militares.

Revelando-se também esta solução ineficaz, António José de Almeida, do Directório do Partido Republicano, aceita que a organização revolucionária seja outra e que Luz de Almeida, também ele republicano e maçom, contacte, para efeitos de filiação na Carbonária Portuguesa — uma sociedade secreta fundada ainda no séc. XIX e que ganhara novo alento no combate ao governo de ditadura de João Franco (1906-1908), inspirada no modelo maçónico dos revolucionários italianos —, os grupos da anterior organização revolucionária<sup>9</sup>. E é exactamente sobre este momento de mudança

<sup>8</sup> Cf., por exemplo, RAMOS, Rui, "A Segunda Fundação (1890-1926)", in *História de Portugal*, Dir. de José Mattoso, vol. 6, Lisboa, p. 290, reportando a MARTINS, Francisco Rocha, *João Franco e o seu tempo*, Lisboa, S/data, p. 284.

As designações comité secreto e comité revolucionário manter-se-ão nos grupos posteriormente iniciados na Carbonária Portuguesa e nos que ela própria organizará.

<sup>9</sup> ALMEIDA, Luz de, "A obra revolucionária da propaganda — As sociedades secretas", in *História do Regime Republicano em Portugal*, vol. II, Lisboa, 1932, pp. 238-239.

na estratégia que visava a implantação da República que daremos o nosso contributo, como complemento a esta pequena antologia, porque praticamente desconhecido no que respeita ao concelho de Vila Real e, em nossa opinião, depois da imprensa, o factor que mais concorreu para a formação da consciência republicana.

António Maria da Silva, um dos chefes carbonários da Alta-Venda<sup>10</sup>, refere, em entrevista dada ao jornal *A Capital*<sup>11</sup>, que, na sequência da propaganda levada a efeito nos quartéis, existiam no final de 1907, numa época em que se dizia ter redobrado a espionagem a que os oficiais do exército estavam sujeitos, «poderosos núcleos em Viana do Castelo, Braga e Vila Real, distinguindo-se neste último os propagandistas Adelino Samardã e dr. Granjo».

Em Vila Real havia pelo menos dois grupos — um grupo civil e um grupo militar, mais concretamente composto por sargentos do Regimento de Infantaria 13 (RI 13) —, tendo reunido este último, muito provavelmente pela primeira vez, em 11 de Julho de 1907. Recordando esse momento, conhecemos duas fotografias tiradas a 16 de Novembro de 1910, no âmbito de um banquete oferecido a António Granjo, membro do Comité Revolucionário de Trás-os-Montes, pela corporação dos sargentos do RI 13, em que participaram, para além destes, alguns oficiais republicanos, Adelino Samardã, à época Governador Civil do distrito, António Samardã e dois militares do RI 19.

Além destas duas fotografias, existe uma referência não datada na biografia de Adelino Samardã, publicada por ocasião da sua morte: «Mais tarde, e em vésperas do 5 de Outubro, ele [Adelino Samardã], como elo de ligação do projectado movimento nestas paragens transmontanas, aqui esteve em contacto com o Almirante Cândido dos Reis e em conferência com um numeroso grupo de sargentos, ali em cima no Arcabuzado, sem que de tal facto se apercebessem as

---

<sup>10</sup> Alta-Venda é o governo da Carbonária, sendo de 5 o número de Mestres que a compõem (VENTURA, António, *op. cit.*, p. 16).

<sup>11</sup> *A Capital*, Lisboa, 29 de Outubro de 1910.

autoridades.»<sup>12</sup>

As duas fotografias,<sup>13</sup> tiradas no lugar do “Paiol” — Arcabuzado — Vila Real, comemorando a reunião do comité secreto de 11 de Julho de 1907 realizada no mesmo local, de “Conspiração para a Proclamação da República”, remetem-nos, pelo seu envolvimento — um bosque —, para os locais de reunião preferidos pelos revolucionários italianos.

Na que tem por legenda «Republicanos de Infantaria 13» e a data de 16 de Novembro de 1910, vemos representados António Granjo e Adelino Samardã, do Comité Revolucionário de Trás-os-Montes e 33 militares — dois oficiais, o Coronel José Augusto Pinto Machado, comandante do RI 13, e o Alferes Agostinho Baía da Costa Lobo, e 31 sargentos<sup>14</sup>, todos do RI 13 com duas únicas excepções, os sargentos do RI 19, Elias de Sousa, que levanta um *placard* com a primeira página do Jornal *O Mundo* do dia anterior, e António Maria Cabral de Sampaio, um dos sargentos revolucionários que aparecem retratados na outra fotografia.

A segunda fotografia tem por legenda «Sargentos revolucionários de Infantaria 13» e a data de 11 de Julho de 1907, antecedida da expressão «Recordação do dia». No verso, manuscrito, como na primeira, os nomes dos retratados — 1.º Sargento Alfredo Ferreira; Sargento-Ajudante Agostinho do Espírito Santo, a quem Luz de Almeida entregará a «presidência» do grupo; 2.º Sargento António Maria Cabral de Sampaio (RI 19); António Granjo; Adelino Samardã; 1.º Sargento Manuel Ribeiro Cardona; 2.º Sargento

<sup>12</sup> *O Povo do Norte*, Vila Real, 10 de Fevereiro de 1929.

<sup>13</sup> As duas fotografias foram publicadas na primeira página do jornal *O Mundo*, Lisboa, 31 de Dezembro de 1910. Servimo-nos de exemplares pertencentes ao Prof. Doutor Eurico José Palheiros de Carvalho Figueiredo, neto e sobrinho-neto de dois dos sargentos revolucionários de Infantaria 13 nelas representados.

<sup>14</sup> 1.º Sargento César Augusto da Costa Gomes; 1.º Sargento Manuel Lopes; 2.º Sargento Álvaro José Ferreira; 2.º Sargento Baptista; 1.º Sargento Alfredo Ferreira; 1.º Sargento Mário Augusto Vaz; Sargento-Ajudante Agostinho do Espírito Santo; Sargento-Ajudante António Augusto Mateus; 1.º Sargento Armando Augusto Fernandes; 1.º Sargento José da Luz; 2.º Sargento António Gomes Ferreira; 1.º Sargento Paulo Ferreira Machado; 2.º Sargento Francisco de Carvalho Figueiredo; 1.º Sargento Manuel Ribeiro Cardona; 2.º Sargento Aníbal de Carvalho Figueiredo; 2.º Sargento Luís de Carvalho Valoura; 1.º Sargento António Joaquim Dias; 2.º Sargento Varejão; 2.º Sargento Rodrigues; 2.º Sargento Graça; 2.º Sargento Frederique; 2.º Sargento César Augusto Machado; 2.º Sargento Alexandre António Joaquim; 2.º Sargento António Malheiro; 2.º Sargento Francisco António Esteves; 2.º Sargento Manuel Gaspar; 2.º Sargento José Augusto Cardoso. Dois dos sargentos não puderam ser identificados.

Aníbal de Carvalho Figueiredo; 2.º Sargento Francisco de Carvalho Figueiredo<sup>15</sup>; 2.º Sargento António Malheiro; e 2.º Sargento Alexandre António Joaquim, todos pertencentes à organização criada pelo Partido Republicano (certamente com conhecimento da Maçonaria, sociedade secreta que será responsável pela criação da Comissão de Resistência<sup>16</sup>, em 14 de Junho de 1910) e, muito provavelmente, todos iniciados na Carbonária Portuguesa por Luz de Almeida.

Desconhecendo as razões por que a reunião terá tido lugar no dia 11 de Julho de 1907, admitimos que esteja associada à passagem do Rei D. Carlos, três dias depois, no dia 14 de Julho, na estação do caminho-de-ferro de Vila Real (onde acorreu a classe política e muitos populares que vaiaram João Franco, Presidente do Governo, aplaudiram os líderes regeneradores e progressistas e deram vivas à República e a Afonso Costa), numa deslocação para as Pedras Salgadas, de onde regressou em automóvel, em direcção à Régua, um mês depois, rodeado de enormes medidas de segurança.

Se é certo que Adelino Samardã esteve na reunião, não afastamos a hipótese de aí ter estado igualmente presente António Granjo (que vemos na fotografia), dado que, para além de serem muito amigos, nessa altura, partilhavam responsabilidades idênticas nos Comitês Revolucionários por que eram responsáveis. Pode inclusivamente admitir-se que António Granjo tenha estado presente, aproveitando uma das suas frequentes viagens a Coimbra, que nessa altura vivia uma grave crise académica, em que, finalista de Direito, se envolvera.

E, coincidência das coincidências, o mesmo jornal<sup>17</sup> dava nota da

---

<sup>15</sup> Conta-se na família que, em 3 de Outubro, este sargento hasteou a bandeira republicana no Quartel do RI 13. Avisado o comandante, Cor. José Augusto Pinto Machado, o mesmo desvalorizou a situação, dizendo tratar-se de «coisas do Carvalhinho», modo por que era conhecido o 2.º Sargento Francisco de Carvalho Figueiredo. Comentando o militar que havia denunciado a situação a resposta do comandante com outro militar, este ter-lhe-á dito que o comandante reagira daquele modo porque estava do mesmo lado do Sargento Figueiredo.

<sup>16</sup> A Comissão de Resistência da Maçonaria, que procurava assegurar um equilíbrio entre carbonários, maçons e o Directório do Partido Republicano Português, é considerada o verdadeiro órgão de cúpula do movimento que preparou a Revolução de Outubro (BRANDÃO, Pedro Ramos e FIDALGO, António Chaves, *A Maçonaria e a implantação da República em Portugal – Como uma sociedade secreta mudou o destino de um país*, Alfragide, 2010, pp. 99-100).

<sup>17</sup> *O Povo do Norte*, Vila Real, 14 de Julho de 1907.

presença na vila da Régua, de passagem para a Beira Alta, no dia 11 de Julho — dia da reunião secreta —, do Dr. António José de Almeida, que algum tempo depois viria a ser o elemento de ligação do Directório do Partido Republicano à Carbonária Portuguesa. Coincidência? Não nos parece. Julgamos, isso sim, que se terá aproveitado a visita do Rei, na companhia do indesejável presidente do Conselho de Ministros, para mobilizar as hostes republicanas e agitar a propaganda.

A última questão suscitada pelas fotografias é a da data da iniciação dos sargentos do RI 13 na Carbonária Portuguesa. A fazer fé numa notícia publicada em *O Povo do Norte*<sup>18</sup>, por ocasião da morte do comerciante local e grande republicano Miguel Teixeira Mendonha, em 1932, a iniciação teria ocorrido na casa deste, no n.º 44 da Travessa de São Paulo (posteriormente Travessa 31 de Janeiro e hoje Rua Avelino Patena), em 4 de Outubro de 1909<sup>19</sup>. Nessa casa funcionou a Comissão Municipal Republicana, o Centro Republicano Augusto César, e decorreu o jantar de homenagem a Bernardino Machado, quando em 5 de Setembro de 1909 aqui estive em missão de propaganda, assistindo à filiação no Partido Republicano de alguns cidadãos cujos termos de inscrição assinou. É ainda nessa casa que, na fase final de preparação da revolução, o Almirante Cândido dos Reis reuniu com alguns sargentos do RI 13 e civis, durante a sua última viagem à província de Trás-os-Montes<sup>20</sup> «para avaliar com segurança da situação criada pela organização revolucionária»<sup>21</sup>, dirigida por Luz de Almeida.

Da leitura do trabalho publicado por Luz de Almeida sobre

---

<sup>18</sup> *O Povo do Norte*, Vila Real, 28 de Fevereiro de 1932.

<sup>19</sup> Esta data é compatível com a presença de Luz de Almeida (Artur Augusto Duarte Luz de Almeida — 1867-1939, Grão Mestre da Carbonária Portuguesa) em Portugal, dado que a sua saída do país só ocorreu depois de ter feito a propaganda, no centro e norte do país, da revista *Alma Nacional*, dirigida por António José de Almeida, que iniciou a sua publicação em Fevereiro de 1910 (ALMEIDA, Luz de, *op. cit.*, p. 250).

Naturalmente que não descartamos a possibilidade de a iniciação ter ocorrido noutra data, embora, e seguindo o itinerário de Luz de Almeida (que sabemos pouco rigoroso cronologicamente), em data posterior à tentativa revolucionária de 28 de Janeiro de 1908, ao Regicídio (1 de Fevereiro de 1908), à iniciação de Machado Santos (Junho de 1908) e à instalação da loja maçónica "Revolta", Coimbra (1909) (ALMEIDA, Luz de, *op. cit.*, pp. 238-241), ou ter ocorrido em Vila Real mais de um acto de iniciação.

<sup>20</sup> Na qualidade de Inspector da Carbonária Portuguesa.

<sup>21</sup> Entrevista de João Chagas em *A Capital*, Lisboa, 12 de Outubro de 1910.

as sociedades secretas, infelizmente nem sempre com sequência cronológica e raramente datado, transcrevemos<sup>22</sup>, dado o seu inegável interesse para a história local, a parte que respeita à iniciação em Vila Real e em diversos outros concelhos da província:

*[...] Em Vila Real de Trás-os-Montes troquei impressões com o velho republicano Adelino Samardã, sobre as possibilidades de se estabelecer, ali, uma ramificação secreta para iniciar os sargentos da guarnição, e uma outra para os civis. Samardã, ouviu em silêncio toda a minha exposição e terminou com esta resposta: «Que ia estudar o assunto.» Fiquei desconcertado, e, para não perder tempo, procurei o dr. António Granjo em Chaves, não podendo iniciá-lo nessa ocasião, nem constituir grupo algum na vila, porque Granjo enviou-me para o hotel este lacónico aviso: «Ausente-se, que as autoridades querem prendê-lo por suspeito.» Não estava em maré de sorte. ¿Que fazer? ¿Desistir? Nunca. Dirigi-me a Aveiro e pedi ao Carlos Cabrita, que tinha ali família, e conhecia bem o meio, que me acompanhasse a algumas povoações dos arredores onde havia negociantes de chicória. Era preciso afugentar as suspeitas das autoridades e montar as ligações revolucionárias. Tudo corria bem, perdendo, é certo, muitos dias a escolher a chicória e a fixar preços. Deixei Cabrita e segui outro rumo. Munido com uma carta de apresentação de Amorim de Carvalho — antigo republicano estabelecido com farmácia na Rua da Cancela Velha, no Porto — para um seu parente, apresentei-me na Régua, como representante duma casa alemã — que não existia — e comecei a coleccionar amostras de vinhos do Porto, para depois se fechar o negócio. No hotel Douro, onde estive hospedado, encontrava-me com vários republicanos, de fora, e ia fazendo ligações com diversos pontos do Norte.*

*Voltei a Lisboa e, 15 dias depois, a Chaves — desta vez com um pouco mais de sorte — e iniciei o dr. António Granjo, ficando constituído o Canteiro Central, e, dentro em pouco, uma importante*

---

<sup>22</sup> ALMEIDA, Luz de, *op. cit.*, pp. 239-241.

choça, com ramificações. As autoridades de coisa alguma suspeitavam. Toda a gente me supunha absorvido em negócios de lãs. Tornando-se indispensável a adesão dos sargentos de Infantaria 13, resolvi voltar a Vila Real e, de novo ali, encontrei-me no hotel Tocaio com Samardã, que, ao ver-me, disse-me, sorrindo-se: «iOutra vez por aqui! Já estou informado que é um homem perseverante. Vou ser-lhe franco. Desconfiei de si e tomei informações a seu respeito. Escrevi, também, ao António José [de Almeida], a quem expus o que me tinha dito. E a resposta por parte dele foi que podia confiar plenamente no seu carácter, e nas intenções que o animam.»

E dispondo-se a auxiliar-me, após as desculpas do estilo pelas suas desconfianças a meu respeito, ficou assente que me apresentaria, no dia seguinte, aos sargentos republicanos do 13;

Ao cabo de três dias, inutilmente passados em Vila Real, onde nada pude fazer porque o administrador do concelho, meu antigo discípulo, suspeitava de mim e não me largava, regressei a Lisboa, onde encontrei grande animação em todos os ramos florestais.

[...] A adesão dos sargentos de Vila Real não se me tirava da memória. De novo nessa vila — hoje cidade — e após algumas peripécias que não vale a pena citar, consegui, finalmente, iniciar os sargentos de Infantaria 13, tendo sido escolhido o sargento-ajudante Espírito Santo para os presidir. Saindo dali, fui, por etapas, até à cidade de Bragança, não me esquecendo de lançar à terra a semente da Maçonaria Florestal. Nas localidades onde não podia fixar uma Choça, fundava-se um Canteiro. Não havendo possibilidade de constituir um canteiro, postava uma sentinela perdida — uma simples Vedeta. Estas, encontravam-se, até, nas mais humildes aldeias, limitando-se a sua acção a simples informações.

As vedetas estavam em ligação com os presidentes das choças mais próximas ou — e estas eram em maior número — directamente ligadas com a Alta-Venda, sendo a correspondência dirigida ao B \* \* P \* \* Henrique Cordeiro.

*Em Bragança, ficou constituída uma boa Choça, presidida pelo comerciante e activo republicano Rodrigues Paula. Com Vila Real, Chaves, Bragança e as ramificações das suas choças e canteiros, e as várias secções que os Delegados Provinciais haviam organizado, tínhamos nas mãos a província de Trás-os-Montes. [...]*

O texto de Luz de Almeida refere, como recordarão, «e após algumas peripécias que não vale a pena citar», na parte do texto que antecede a iniciação dos sargentos de Infantaria 13.

Magalhães Lima, Grão Mestre da Maçonaria, desvenda-nos<sup>23</sup> aquilo a que Luz de Almeida não quis dar importância.

*[...] Em várias terras apresentava-se Luz Almeida, umas vezes com nomes supostos, outras com profissões diversas, para não despertar suspeitas das autoridades que, nos últimos tempos, o vigiavam.*

*A propósito das suas viagens de aliciamento citaremos alguns casos mais ou menos interessantes:*

*Uma vez, dirigindo-se a Vila Real de Trás-os-Montes para iniciar na Carbonária Portuguesa um grupo de sargentos, procurou para o efeito, o velho republicano Adelino Samardã, para este o apresentar aos principais do referido grupo.*

*No dia e hora combinados, quando se dirigia para o local da reunião, encontrou um antigo condiscípulo, oficial do exército, que era o administrador do concelho e que, desconfiando da sua estada na vila, lhe perguntou se ia conspirar.*

*Luz Almeida riu-se da pergunta e declarou-lhe que era indiferente à política revolucionária. O administrador fingiu acreditar, mas, à cautela, não o largou em toda a noite, impedindo-o, assim, de comparecer à reunião.*

*Um mês depois voltou à carga, mas o oficial-administrador apareceu-lhe próximo da rua onde se devia efectuar a reunião.*

*Estranhou novamente o encontro e disse-lhe que se tivesse a*

<sup>23</sup> LIMA, Magalhães, *Episódios da minha vida — Memórias documentadas*, Lisboa, S/data, pp. 281-283.

*certeza de que ele conspirava, o prenderia imediatamente, apesar de ser muito seu amigo e antigo discípulo. Conversaram durante muito tempo, recordando factos passados na época de estudantes e, a certa altura, Luz Almeida disse-lhe que se ia deitar porque estava moído e tinha de se levantar cedo para seguir viagem com destino a outras terras de Trás-os-Montes.*

*Acompanhado até à porta do Hotel Tocaio, pelo administrador, fizeram aí as suas últimas despedidas. Meia hora depois abria Luz Almeida cautelosamente a porta do hotel, e, certificando-se da ausência do administrador, dirigiu os seus passos para uma das ruas que o deveria conduzir ao local da reunião.*

*Ao virar uma esquina, dá de cara com o administrador, que ficou estupefacto ao vê-lo.*

*“Agora, sim, agora é que desconfiava a valer de Luz Almeida”, foi o que lhe disse.*

*Este, contou-lhe que se encontrava indisposto e que ia tomar um cálice de qualquer bebida.*

*— “Então, vem comigo”, disse-lhe o administrador, e levou-o à “Havanesa”, onde lhe pagou um cálice de Cointreau.*

*Entretanto ia passando a hora da reunião. De novo à porta do hotel, repetiram a cena da despedida final. Luz Almeida, por detrás da porta, que fingiu fechar, espreitava às furtadelas a direcção que seguia o administrador e, num momento, saiu do hotel e voltou à primeira travessa.*

*Ele não o tinha visto e a reunião efectuou-se com a presença de Luz Almeida, ficando constituído um belo núcleo carbonário.*

*Proclamada a República, encontrou-se um dia na Rua da Betesga com o oficial ex-administrador, que lhe disse à queima-roupa:*

*— “Ah, maroto, que me comeste a pinha!” [...]*

*A República chegou finalmente. Cândido dos Reis havia decidido, independentemente das que conseguisse ou não aliciar, que as unidades militares da província não coadjuvavam as de Lisboa,*

porque em sua opinião a proclamação da República geraria, como gerou, alegria contagiante.

Em Vila Real, o Comité Revolucionário e os sargentos do RI 13 garantiram as primeiras responsabilidades, seja na esfera política seja na da administração.

Formalizam a adesão ao Partido Republicano Português, nas primeiras semanas, para além de mais de 100 civis, uma grande parte dos sargentos que temos vindo a referir, embora, como é dito em *O Povo do Norte*<sup>24</sup>, muitos deles, assim como alguns cabos, já há muito se encontravam inscritos no registo do Centro Republicano Augusto César.

Envolveram-se, como vimos, na preparação da revolução republicana<sup>25</sup>, coadjuvaram os líderes revolucionários, propagandearam as ideias da República e defenderam o regime implantado em 5 de Outubro de 1910, alguns deles já como oficiais, com as consequências que todos conhecemos, naturalmente ao lado de outros militares como eles ao serviço do RI 13, por ocasião das incursões monárquicas<sup>26</sup>, da Monarquia do Norte, da Revolta de 3 de Fevereiro de 1927<sup>27</sup>, da Revolta da Madeira de 1931.

*Elísio Amaral Neves*

<sup>24</sup> *O Povo do Norte*, Vila Real, 13 de Novembro de 1910.

<sup>25</sup> A melhor prova do envolvimento deste núcleo de Sargentos revolucionários do RI 13, e em particular do seu presidente Sargento-Ajudante Agostinho do Espírito Santo, na preparação da Revolução de 5 de Outubro, é a seguinte proposta, apresentada em assembleia geral do Partido Republicano Português, do concelho de Vila Real, em sessão realizada no dia 9 de Novembro de 1910, que se transcreve: «Pelo presidente da mesa [Adelino Samardã], foi encarregado de colher e coligir todos os elementos que interessam à História da gloriosa Revolução de Outubro, nesta vila, o denodado republicano sr. Agostinho do Espírito Santo, muito digno sargento-ajudante de Infantaria 13, sendo esta missão acolhida pela assembleia por uma estrondosa salva de palmas.» (*O Povo do Norte*, Vila Real, 13 de Novembro de 1910).

<sup>26</sup> Constituem sinal de vigilância e mobilização da Carbonária Portuguesa durante este período as seguintes convocatórias, escritas em linguagem maçonica e publicadas no jornal *O Povo do Norte*, Vila Real, 1911:

Fd \* Carb \* Acad \* \ Int \* comp \*\* na L \* \ n.º CXII (16 de Abril de 1911); C \* Por \* \ P \* ord \* Alt \* Ven \* conv \* \ nos \* irm \* com \* Flor \* Esc \* \ 8 horas da noite, urgente. \ PAT \* CYPRESTE (11 de Junho de 1911); L \* C \* Por \* \ Con \* td \* irm \* XI \ n \* Mt \* Arc \* L-S ur - \ gt \* <sup>mo</sup> (18 de Junho de 1911); C \* P \* \ Convidam-se os B \* \ P \* a comparecerem \ hoje, pelas 10 horas \ da noite na L \* Jov \* \ P \* , Suc \* numero \ 168. (26 de Novembro de 1911).

<sup>27</sup> Participaram nesta Revolta os seguintes oficiais do RI 13 que pertenceram ao antigo grupo de Sargentos republicanos: Capitães Agostinho do Espírito Santo e António Gomes Ferreira, e Tenentes Alexandre António Joaquim, César Augusto Machado, Aníbal de Carvalho Figueiredo e Francisco de Carvalho Figueiredo.

## Projecto de viagem do Rei ao norte do paiz

As circumstancias em que D. Manuel subiu ao throno e as difficuldades da politica interna que se seguiram fizeram que elle apenas conhecesse uma pequena parte do paiz. Era seu desejo visitar as principaes terras do continente do reino, começando por Bragança, onde existiam as ruinas do antigo solar da casa de que era o chefe. Adiadas as Côrtes para dezembro, foi resolvido que a viagem se realisasse pouco depois. O Rei iria á Regoa, Villa Real, Chaves, Mirandella e Bragança, alojando-se em Vidago, no Vidago-Palace-Hotel, em Mirandella, em casa do visconde da Bouça, em Murça, em casa do marquez de Valle Flôr, atravessando a região do Douro, para depois passar alguns dias no Porto. O dia da partida estava dependente do da chegada do marechal Hermes da Fonseca, Presidente da Republica dos Estados-Unidos do Brazil.

Tendo chegado no dia 1 e para sair no dia 4, a bordo do couraçado *S. Paulo*, foi designado o dia 4 á noite para a partida do Rei para o norte. Sairia no comboio correio, que de Lisboa parte ás 9 2 da noite; no dia seguinte visitaria Villa Real, pernoitando em Vidago; no dia 6 visitaria as Pedras Salgadas; no dia 7, Chaves, no dia 8 Mirandella, no dia 9, Bragança; no dia 10, Murça e seguiria para o Porto. Como de costume, a imprensa do *blóco* viu n'esta viagem, não a vontade do soberano, mas o meu interesse. D'esta vez não era só politica, mas material. *A viagem era a Vidago*, uma viagem de réclame ao respectivo estabelecimento, a que desde muitos annos eu estava ligado. Não sei mesmo se disse que eu queria promover lucros pela hospedagem do Rei e da sua comitiva, em tres dias que em Vidago passaria, mas a verdade é que já ao administrador da Casa Real se

tinha declarado que a hospedagem não seria paga.

O governo tinha tomado todas as medidas de segurança para defeza do Rei, nos comboios e em todas as terras onde saísse. No dia 3 de outubro, quando a Revolução rebentou, já estavam em todas ellas numerosas forças de infantaria, cavallaria e de policia, e nos comboios seguiria sempre a força policial, do commando do tenente Teixeira, que era do seu serviço especial. A segurança não podia ser mais cuidada. Era o cumprimento de um dever do governo, e esse mereceu a sua mais escrupulosa attenção. Para isso ainda se dava a circumstancia de o Rei visitar a minha provincia, onde, por fortuna minha, numerosos eram os meus amigos. Na madrugada do dia 4 de outubro, já depois de iniciado o movimento revolucionario, julgando seria dominado sem consequencias de maior, como insistentemente me informava o Quartel General telegraphiei informando que a viagem real era adiada por 24 horas. No mesmo dia, á noite, telegraphiei de novo informando os governadores civis de Villa Real e de Bragança de que a viagem se não realisava.

A Revolução, quando suffocada, não permittiria mais que o Rei saísse em viagem, e o governo apresentaria a demissão, visto que os seus processos liberaes não tinham conseguido evitar o movimento revolucionario.

## Projecto da Visita de S. M. S. El-Rei D. Manuel a Vila Real — 5 de Outubro de 1910

A visita de D. Manuel II a Vila Real enquadra-se numa visita a Trás-os-Montes, que por sua vez, se enquadra numa visita ao Norte do País, e é referida pela primeira vez quando se programa a inauguração do troço ferroviário da Linha do Corgo entre as Pedras Salgadas e Vidago. Não tendo sido possível a sua deslocação nessa altura, desenha-se uma nova data que, no entanto, ficaria condicionada pelo programa da visita a Portugal do Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, Marechal Hermes da Fonseca, que veio a ser marcada para 1 a 4 de Outubro de 1910. Fixada esta data, projecta-se a deslocação do Rei ao Norte, com partida de Lisboa na noite de 4. Havia razão para essa visita. O Rei tinha sido chamado a funções muito cedo, na sequência do regicídio de 1908, a que se sucedeu um período de dificuldades de política interna que de alguma forma obstaram a que tivesse um conhecimento satisfatório do país. Mas também havia quem murmurasse que o presidente do ministério, Teixeira de Sousa, natural da região, tinha fortes interesses na estância termal do Vidago; ia inclusivamente proceder-se à inauguração do Palace-Hotel e ser-lhe-ia muito grata — e eventualmente proveitosa... — a presença do Rei.

O Rei visitaria a Régua, Vila Real, Pedras Salgadas, Chaves, Murça, Alijó, Sanfins, Mirandela, Bragança, Pinhão e Porto.

Em meados do mês de Setembro, o Governador Civil do Distrito de Vila Real, Dr. Albino Maria Moreira de Carvalho, desloca-se a Lisboa para preparar a visita.

Era, como se disse, Presidente do Conselho o Dr. António Teixeira de Sousa, natural de Celeirós (Sabrosa), médico, jornalista,

chefe do Partido Regenerador, e que, desde 1889, desempenhou diversas funções políticas: deputado, líder parlamentar, ministro da Marinha e da Fazenda, etc. Fazia parte do seu ministério o Dr. José de Azevedo Castelo Branco, natural de Vila Real, que detinha a pasta dos Negócios Estrangeiros e acompanharia na visita, tal como outros dignatários do Reino, o Chefe de Estado.

Em 21 de Setembro, o Governador Civil convoca para o dia seguinte as instituições e personalidades mais representativas do concelho, com vista à organização da visita. Era Administrador do Concelho o Dr. António Ferreira da Costa Agarez e Presidente da Câmara o Dr. Augusto Rua.

Neste dia, 22 de Setembro, constitui-se a comissão encarregue de promover os festejos, constituída pelo presidente, que era o Visconde de Trevões, Comendador Emídio José Ló Ferreira, e pelos vogais Comendadores Domingos de Carvalho Campos, José Augusto de Barros e Alexandre Augusto Ribeiro, Monsenhor Jerónimo Teixeira de Figueiredo Amaral, Manuel José de Morais Serrão, António Albino da Silva Botelho, José Fernandes e Francisco Ferreira da Costa Agarez. Define-se um primeiro programa da visita e abre-se uma subscrição para custear as despesas com a mesma.

No dia 26 de Setembro o Governador Civil dirige uma carta às entidades locais, convidando-as a comparecerem à chegada do Rei e à sessão de cumprimentos no Governo Civil. Ainda neste mês de Setembro chega à estação de caminho-de-ferro da Régua a carruagem-salão que transportaria o Rei entre esta estação e Vidago.

No dia 1 de Outubro desloca-se a Vila Real o armador portuense Alberto Pereira, acompanhado de diversos ajudantes, para ornamentar os edifícios da Câmara Municipal, do Governo Civil e do *chalet* da Raposeira.

No dia 2 de Outubro partem para Vila Real três trens, doze cavalos e doze criados da Casa Real, e, no dia imediato, dois automóveis e quatro *chauffeurs*.

No dia 3 de Outubro, face à situação política em Lisboa, é emitido um telegrama para Vila Real, dando conta do adiamento da viagem por 24 horas.

No dia 4 chega a Vila Real o Chefe Cruz, quatro cabos e 26 guardas civis da Corporação do Porto, que vieram reforçar a força policial local. Neste mesmo dia, por iniciativa do Dr. Teixeira de Sousa, são enviados telegramas para os Administradores de Concelho dos dois distritos (Bragança e Vila Real) e para os Governadores Civis, adiando a visita por 24 horas e, posteriormente, anunciando o seu cancelamento.

Do Porto, tinha entretanto chegado abundante material de decoração e iluminação para todas as estações de caminho-de-ferro, estâncias termais e povoações contempladas na visita do Rei.

No dia 5, dia da visita a Vila Real, o Rei devia cumprir o seguinte programa:

Às 7h10, chegaria à Estação de Campanhã, onde demoraria 25 minutos, sendo a sua segurança garantida por uma força policial comandada pelo tenente Teixeira, do seu serviço especial.

Às 7h35, partiria para a Régua em comboio especial, com paragens em Penafiel, Vila Meã, Marco, Ermida e Barqueiros. O general-comandante da 6ª Divisão Militar e o Governador Civil de Vila Real iriam esperar o Rei à entrada do distrito.

Às 10h10, chegaria à Régua, onde permaneceria 50 minutos.

Às 11h00, partiria para Vila Real, em carruagem-salão, sendo a composição rebocada por duas locomotivas.

Às 12h30, chegaria a Vila Real, sendo saudado com uma salva de tiros. Na estação de caminho-de-ferro seria aguardado pelas forças vivas e iniciar-se-ia o cortejo para o edifício do Governo Civil, onde decorreria uma sessão de boas-vindas. A vila encontrava-se toda ela engalanada, com obeliscos, bandeiras e arcos nas ruas principais (Av. Dom Carlos, Largo Almeida Garrett, Rua do Arco e, designado por “arco regional” e confeccionado sob a orientação de António Samardã, um outro arco em frente ao Quartel General,

na Praça Luís de Camões), cada uma das quais tinha uma comissão para o efeito que iniciara o seu trabalho no dia 24 de Setembro. Oito bandas percorreriam a sede do concelho e lançar-se-iam duzentas e cinquenta dúzias de foguetes, confeccionados por cinco pirotécnicos. O percurso do cortejo seria: Avenida D. Carlos, Rua de S. João, Rua Direita, Rua Central, Rua Serpa Pinto, Rua do Arco, Largo do Príncipe Real (lado nascente), detendo-se no edifício do Governo Civil, onde havia sido preparada a sessão de cumprimentos. De seguida, o cortejo continuaria pelo Largo do Príncipe Real (lado poente), Praça Luís de Camões, Rua D. Margarida Chaves, Rua de S. Jacinto, até ao Quartel do Regimento de Infantaria 13, que o Rei visitaria. Depois, seguiria pela Rua Alexandre Herculano, Rua Direita (visitando nesta o quartel e a Associação dos Bombeiros Voluntários de Salvação Pública, onde lhe seria entregue o diploma de sócio honorário), dirigindo-se depois para o Hospital da Divina Providência, que visitaria também. Finalmente, voltaria ao Governo Civil, onde receberia cumprimentos de despedida e seguiria para o *chalet* da Raposeira, propriedade do Sr. António Vieira dos Santos, onde seria servido o *lunch*.

Às 18h00, deixaria Vila Real e seguiria para Vidago.

Nada disto viria a acontecer, pelas razões que são sobejamente conhecidas.

CABRAL, A. M. Pires (Investigação de Elísio Amaral Neves), in *Jornal da Exposição “Como a Chegada da República Frustrou a Visita do Rei”*, Vila Real, 22 de Outubro a 29 de Novembro de 1998, p. 1.

## O 5 de Outubro visto de Traz-os-Montes

Eu entrei em Vila Real, em outubro, a três, cheio do pó e da fadiga duma longa viagem, mas acariciando a expectativa de semanas de repouso no esquecimento da cidade e na paz inefável da montanha. Diante de mim, à saída da estação do caminho de ferro, palpitavam e acenavam ao vento centenas de bandeiras, que se cruzavam em todos os sentidos, que fechavam, ao fundo da avenida da estação, num arco triunfal de madeira e lona com o esqueleto ainda meio descoberto. Para lá do arco de triunfo seguia a linha recta da ponte metálica sobre o Corgo — traço de união entre os planaltos que côroam as duas margens convulsas do rio. E para além da ponte descobria-se o macisso claro da casaria da vila — toda embandeirada, como a ponte metálica, como a avenida da estação.

Na linda capital dum dos districtos transmontanos esperava-se a visita do senhor D. Manoel II no proximo dia cinco. E daí esse ar festivo que perturbava a calma do seu viver habitual, essas bandeiras a arfar, esses arcos de triunfo a construir, e as dezenas de criaturas que trabalhavam nos preparativos da recepção. Ao pisar a ponte, ao estender a vista pelas primeiras ruas da vila-cidade, estranhei a uniformidade de côr no embandeiramento — todo êle azul e branco. Alguem, ao lado, objectou-me que assim fôra embandeirado o Bussaco nas ultimas festas de setembro.

— E que significa isso, afinal? Que as festas do Bussaco, como estas, teem um caracter mais político do que popular, mais convencional do que sincero.

Não eram, não podiam ser a explosão espontanea dum sentimento que se traduz em regosijo. Esse sentimento, quando trasborda da

alma simples do povo, não distingue nos seus impulsos a diferença simbólica entre o vermelho e o azul, entre o branco e o verde. Todas as cores lhe servem, irmãmente, para o expressar, o vermelho e o rôxo, o verde e o amarelo, o azul e o cinzento, o branco e o pardo — porque em todas vibra a mesma parcela dos seus entusiasmos.

Completavam-se as ornamentações no dia quatro. Nisto, com um arrepio de sensação, o telegrafo leva à terra em festa o luto do assassinio do dr. Miguel Bombarda e o consequente adiamento da visita real para o dia seis. Em Vila Real, nêsse momento historico, contavam-se bem os republicanos pelo numero dos dêdos das duas mãos. Apesar disso a morte do livre-pensador illustre causou comoção indignada entre os que a atribuíam ao odio dos clericais.

O distrito de Vila Real, não sendo republicano, tambem não era clerical. E a ausencia de estimulo republicano provinha, menos talvez dum fenomeno de temperamento ou de tradição monarchica, do que da indiferença a que a sua população fôra votada pelos evangelistas do novo crêdo no periôdo da propaganda. Enquanto percorriam dia a dia o centro e sul do país, arando a alma do povo, lançando a mãos largas por vezes boas sementes, por vezes sementes péssimas, na ânsia do fruto da emancipação, ao norte, principalmente a Traz-os-Montes, apenas chegava a poeira das sementes lançadas ao espaço, no gesto largo dos semeadores primitivos, que a aragem morna das crónicas jornalistas arrastava no seu seio.

A letra redonda conserva, eternisa mesmo o calor das idéas e dos sentimentos; mas coserva-os e eterniza-os reduzidos a brasas, que a cinza protege, até quando tenham sido labarêdas e clarões. Nos cerebros inflamáveis essa simples braza produz incendios. O cerebro amorfo dos individuos de cultura media, de espírito adormecido, só aquece, só crepita e se incendeia à chama viva doutro cerebro. A palavra escrita não o acorda nem o ilumina. Precisa da palavra falada, activa, sonora, dominante, agitada pelo gesto, imposta pela atitude física, presente, visível, sugestiva. E nunca, nem a alma, nem

o cerebro da montanha haviam sido calcinadas à chama dêsse fôgo.

Pouco depois da noticia do assassinio de Bombarda estalava outra noticia — a da revolução em Lisboa. Foi um movimento de panico o que então se estabeleceu em Vila Real. O que haveria? Quem seriam os revoltosos? Os clericais? Os republicanos? Teria sido a morte de Bombarda o prologo da grande chacina, do novo S. Barthelemy que se dizia preparado pelos elementos reacionarios da capital contra os elementos liberais?

Ninguém sabia. O telegrafo deixára de funcionar do Porto para Lisboa — coração morto, não respondia à ansiedade dos que o auscultavam. As linhas ferreas estavam cortadas entre as duas cidades — membros paralisados, não acudiam à voz suplicante dos que os chamavam. Os jornais portuenses, chegados à noite, não davam uma gôta de agua à sêde que nos abrasava. Falavam de tragedia de Rilhafoles, descreviam a scena dos protestos populares que se lhes seguiram — mas, ao saírem do prélo, não pressentiam sequer o rumor da revolução.

A noite de quatro para cinco decorreu, naquêle afastado burgo alpestre, na amargura da incerteza. As hipoteses cruzavam-se, chocavam-se, confundiam-se. E o que se supunha do movimento! Nada como a distancia para avolumar factos — ou sombras de factos. Uma vulgar permuta de sôcos entre dois homens que se disputam uma codea de pão, vista de longe, toma proporções de batalha para a conquista dum territorio. Nós não sabíamos ao certo quais os elementos políticos em luta. Do que não duvidavamos, o que viamos em toda a sua perspectiva fumegante e tumultuosa, eram as ondas de sangue espadanando pelas ruas, os incendios das granadas devorando a cidade, os bancos a saque, os cadaveres aos montes.

Os vendedores de jornais do Porto — de Lisboa não chegava um só — no dia cinco, às duas da tarde, fôram assaltados na estação por centos de mãos crespas da avidez das vertigens. Nunca um estado febril de impaciencia foi mais intensamente exteriorizado. Mas

— triste decepção! — esses jornais continuavam sêcos, não dando à nossa febre um frescôr de orvalho. Pelo contrario: exaltavam-na, exasperavam-na pelo misterio e pelo terror em que envolviam a absoluta ignorancia do que se passava tão perto — e que era como se se passasse a milhões de quilometros, num mundo que não era o nosso mundo. Glosavam ainda o caso Bombarda; desenhavam em normando a certeza da revolução; lamentavam as comunicações interrompidas; avultavam a inquietação da cidade, igual à da serra — acrescentando que a guarnição portuense, artilharia e cavalaria, infantaria e guarda-municipal, estava pronta a marchar à primeira voz.

Em Vila Real, como disse já, naquele momento quasi não havia republicanos. E todavia, na noite interminavel de cinco para seis de outubro... eu ouvi murmurar, melancolicamente, a mais duma voz das que pouco antes julgára criadas e timbradas para louvor exclusivo da realza: «Se os revoltosos vencem, oxalá os revoltosos sejam os republicanos. A vitoria dos clericais... seria o regresso à fôrca e ao absolutismo».

Finalmente — chegaram as primeiras noticias. Eram oito da manhã de seis. E como por encanto, nem fumo que um vento subito dispersasse, os estigmas da preocupação abandonaram as fisionomias, que se alegraram. O que tinha havido? Dizia-o esse primeiro telegrama, laconico, expressivo, terminante: «Implantada Republica!» A Republica? Mas a revolução fôra republicana? E o Rei, que adiara a visita para esse dia? E os monarchicos, que naquelas bandeiras lhe tinham jurado fidelidade?

Não havia em todos esses seres, ainda pouco antes tão afeiçoados ao Rei, que nesse dia deviam saudar o Rei com os seus vivas, os seus foguetes, os seus discursos, os seus talheres, com as bandeiras que palpitavam no ar, com os arcos de triumpho que vinhetavam as ruas, um unico sinal de assombro. Nem sequer uma hesitação de surpresa. Parecia que tinha sido uma zombaria o fervor manifestado pela

recepção — uma zombaria as ornamentações monarquicas, uma zombaria os entusiasmos realistas.

Porque, em volta de mim, não descobria senão criaturas satisfeitas, que sorriam, comentavam e esfregavam as mãos, com certo jubilo triunfal que eu supunha reservado para as festas do senhor D. Manuel.

Ninguém lamentava o monarca deposto — a não ser pelo abandono em que o deixaram os seus aulicos, na hora suprema do perigo, e que era já sabido por outros telegramas. Ninguém chorava as instituições derrubadas — essas instituições seculares que a maioria dos meus comprovincianos juravam, poucas horas antes, o sangue e a alma da vida nacional. Pelas ruas surgiam mesmo vultos conhecidos, de velho e intransigente monarquismo, saudando os que passavam, vitoriando o regimen nascente, arremessando-lhes a comunhão dos seus sentimentos no ardor das suas palmas. Tinham cerrado os olhos, na noite anterior, a amaldiçoar a desordem revolucionaria; abriam-nos, nêssa manhã de sol, bemdizendo a revolução triunfante. E era tão espontaneo o louvor das suas palmas, que decidi, de mim para mim, que antes de Lisboa proclamar a Republica das varandas do seu Municipio, já o meu districto a proclamára no íntimo da sua consciência.

Os vendedores de jornais, chegado o comboio correio, tornaram a ser assaltados. E como os jornais, ainda e só os do Porto, agora publicassem pormenores do ocorrido, dum exagero archi-fantastico, dentro em pouco toda a vila carpia episodios tetricos do movimento. Havia regimentos desbaratados; o paço das Necessidades era um montão de ruínas; a metralha, na Avenida, ao varrer esquadrões inteiros de guarda-municipal, arrasara quasi todas as suas arvores, fizera pasto das chamas quasi todos os seus predios.

— Lá se foi a Avenida, a melhor coisa de Lisboa! — suspirava um. Vinha logo outro com tintas mais negras para o quadro. Tinham escapado raras pessoas, e das que morreram umas fôram queimadas

pelo fogo, a maioria varejadas pelas armas.

As notícias acumulavam-se, reproduziam-se, multiplicavam-se. E no mais aceso dos comentarios, numa das ruas principais do burgo alvoroçado ouvem-se os acordes duma banda. Tudo se precipita, tudo acode ao seu encontro. E' a banda do 13 de infantaria, à frente do regimento, entoando a «Portugueza», marchando para o governo civil, onde vai ser oficialmente proclamada a Republica. Centos de cidadãos, envolvendo a banda e o regimento, soltam vivas, agitam bandeiras vermelhas e verdes, entôam em côro a letra do novo hino da nação — sob as janelas apinhadas de senhoras, sob as bandeiras monarquicas que cobrem as ruas, sob os arcos votivos com legendas a ouro em honra do sr. D. Manoel II.

Lembro-me então de que a êssa mesma hora, por êssas mesmas ruas, sob o olhar dêssas mesmas senhoras, sob êsses mesmos arcos e êssas mesmas bandeiras, a tremularem ao bafo fresco do Marão, devia desfilar o cortejo real, solene e luzido, seguindo para os cumprimentos officiais à Monarquia nêsse mesmo governo civil. E, para mim, arcos, bandeiras, palmas, vivas, — os proprios foguetes que estralejam no espaço salvando a Republica, eles que foram fabricados para salvar um Rei — não correspondem apenas ao regosijo duma madrugada de iniciação, cantante e festiva. São um sarcasmo diabolico do Destino, marcam e avultam como dedo zombateiro a perpetua flutuação dos homens e das idéas.

No meu regresso a Lisboa, melhor informado, com noticias mais calmas e mais exactas, quiz verificar no entanto os estragos da Revolução. Procurei a Avenida, que eu vira comida pelos incendios — encontrei-a clara e alegre como a deixára, sómente com um predio a menos, que de facto fôra victima duma granada, e com uma ou outra arranhadura na casca das arvores chilreantes de pardais. Procurei o quartel do Carmo, que eu julgava arrasado pela artilharia — encontrei-o carrancudo e desageitado como sempre, sem o menor vestígio da febre que o agitára. Procurei as casas bancarias

saqueadas pelos famintos — e encontrei os próprios famintos, os rôtos, os descalços, de espingarda na mão, a guardarem-nos de si mesmos. E foi preciso percorrer toda a cidade, toda essa Lisboa ruidosa e despreocupada que eu deixára poucos dias antes, e que vinha surpreender tão ruidosa, tão despreocupada como então, e quasi sem uma beliscadura na sua juventude risonha de renascida, para me convencer de que os escombros e as ruínas não eram senão criações duma tragedia representada ao longe e mais fantasiada do que sentida.

COSTA, Sousa, *Milagres de Portugal — D'Entre Minho e Algarves*, Lisboa, S/data, pp. 59-69.

## O 5 de Outubro — A vitória dos revoltosos

O Rei D. Manuel, que no dia 4 devia seguir, triunfalmente, do Paço das Necessidades para Vila Real de Trás-os-Montes, no dia 4 segue, como fugitivo, do Paço das Necessidades para o convento de Mafra — e embarca no dia 5, de manhã, na Ericeira, Rei deposto, com rumo ao exílio e escala por Gibraltar.

Vila Real, por seu lado, desde o dia 3 sem noticias dos acontecimentos de Lisboa, nada sabe dos acontecimentos de Lisboa à hora matutina do embarque na Ericeira.

— Vem? Não vem? — pergunta, na incerteza.

Ruas e praças estão embandeiradas, todas elas, uma por uma, uniformemente, de azul e branco — em mercê da Monarquia. As embocaduras das vias de maior transito estão ornadas de arcos triunfais, todos êles azuis e brancos, com trofeus e galhardetes a indicar proezas e datas historicas — em louvor da Monarquia. As arterias da cabeça de districto pulsam na congestão anormal de naturais e forasteiros — em honra da Monarquia. A musica do regimento tem o instrumental afinado e polido para as acometidas ao *Hino da Carta* — o hino da Monarquia. Os depositos da Camara armazenam fogo em barda para as salvas do ritual — as salvas da Monarquia.

E' quasi uma hora da tarde quando o telegrafo lança o grande e inesperado pregão:

— Proclamou-se a República!

Nada se perde, tudo se transforma.

Logo se organisa vibrante cortejo de saudação ao regimen recém-nado. Sai do quartel de Infantaria 13 a caminho do Govêrno

Civil — o trajecto do régio cortejo que devia celebrar-se a essa hora. E quem á frente do cortejo dá os vivas à República — o chefe republicano local, Adelino Samardã, a substituir na função o chefe do regimen deposto, o Rei D. Manuel, a esta hora ainda à vista de terras e praias luzitanas — são vozes de naturais e forasteiros que deviam dar os vivas à Monarquia. A banda que executa o hino da República, é a que tinha os instrumentos afinados para o hino da Monarquia. Os foguetes das salvas à República, são os foguêtes consignados às salvas da Monarquia. E é sob as bandeiras azuis e brancas, sob os arcos triunfais azuis e brancos, aparelhados em honra e gloria da velha Monarquia Portuguesa, que em honra e gloria da juvenil República Portuguesa tudo desfila, e estrondeia clamorosos festejos.

COSTA, Sousa, *Páginas de Sangue — Buiças, Costas & Comp.<sup>a</sup>*, vol. II, Lisboa, S/data, pp. 102-104.

## Proclamação da Republica

O governo provisório nomeou governador civil d'este districto o director d'este periodico, Adelino Samardan, que tomou posse na quinta-feira ultima. Ao acto assistiram muitos correligionarios e grande numero d'amigos, que lhe fizeram uma ovação calorosa.

### **Na camara municipal**

Na sexta-feira 7 do corrente, pela 1 hora da tarde, d'uma das janellas dos Paços do Concelho, o governador civil leu ao povo, que em multidão grande estacionava em frente do edificio da camara, assim como toda a força disponível do regimento 13, uma proclamação enaltecendo a Republica Portugueza.

A proclamação, foi ouvida com entusiasmo pela multidão e por ella, com delirio aclamada sendo ao terminar saudadas com frementes saudações as novas instituições.

A convite do governador civil districto, sr. Adelino Samardan, compareceram no edificio da Camara Municipal o ex.<sup>mo</sup> general da 6.<sup>a</sup> divisão militar, os seus ajudantes, o coronel commandante do 13 e grande número de officiaes do mesmo regimento, sendo recebidos na salla das sessões pelo presidente do municipio e vereadores.

O presidente da camara disse que se congratulava com o advento da Republica Portugueza e que o povo, que representava, de ha muito aspirava á mudança do regimen antigo. Em seguida o governador, Adelino Samardan, agradeceu, em breves palavras, a comparencia de todos e fez o elogio dos homens que constituíam o actual governo provisório. Tomou a palavra o ex.<sup>mo</sup> general de divisão, que começou por dizer que era um militar e, n'essa qualidade respeitaria o governo

legalmente constituído, sendo n'esta altura levantados vivas á Republica pelos officiaes presentes, delirantemente correspondidos pela massa compacta do povo.

Depois a multidão, acabada a leitura da proclamação soltou vivas á Republica Portugueza, Governo Provisorio, Exercito e Armada e Governador Civil do districto e á frente da banda regimental, que tocava a «Portugueza» percorreu as ruas da localidade, soltando vivas á Republica.

### **Na secretaria do quartel**

No domingo pelas 8 horas da manhã foi içada a bandeira republicana, tocando o terno de corneteiros, tendo apresentação d'armas pela guarda.

### **No quartel general**

Pelas 11 horas estando presente uma força d'infantaria 13 commandada por um subalerno, com a respectiva banda de musica, e um pelutão de cavallaria 6, foi içada a respectiva bandeira executando por essa occasião a banda regimental a «Portugueza».

Assistiram muitos populares.

### **No governo civil**

Pela uma hora da tarde, foi visitado o sr. governador civil, Adelino Samardan, pela corporação de Bombeiros Voluntarios, de que elle é digno 1.º commandante.

A corporação levava á frente uma banda de musica, sendo acompanhada por enorme quantidade de pessoas. A corporação foi n'uma das salas recebida pelo sr. governador civil.

O sr. Padre Luiz Alves Pereira, capellão da referida corporação disse:

Snr. governador civil:

Os Bombeiros Voluntarios, cuja patriotica missão é — bem fazer

— e que tão briosamente tem desempenhado, orgulham-se de ter V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> como seu digno commandante.

Arriscando muitas vezes a vida para salvarem seus concidadãos, os Bombeiros Voluntarios amantes do trabalho, da ordem, e do progresso, saúdam com fremente entusiasmo o sol aurifulgente da redempção que felizmente desponta no horisonte da Patria como venturoso inicio d'uma nova era de paz e de amor, de liberdade, de egualdade e de fraternidade, — ideal unico capaz de fazer a felicidade d'um povo e de soerguer a patria abatida ás culminarias da gloria. E ao terem conhecimento de que ao Governo, que tão galhardamente preside aos destinos de Portugal, aprouve confiar a V. Ex.<sup>a</sup> o governo do districto exaltaram de contentamento e ei-los aqui — soldados ás ordens do seu commandante, mais firmes do que a sentinela de Pompeia, a dirigirvos saúdações leaes e sinceros, sahidos de peitos transmontanos, de corações lidimamente portuguezes.

Snr. governador civil, os vossos bombeiros, sahidos do povo e que tão bem adextrastes para a ingente luta da vida, congratulando-se pelo advento da Republica e felicitando-vos pelo alto cargo que desempenhaes fazem votos ardentes pelas prosperidades da amada Patria e anhelam do fundo d'alma continuar a receber as ordens do seu dignissimo e estimado commandante.

Cidadãos ponde a mão na consciencia, rectificala na ara santa de vossos corações os juramentos de fidelidade á Republica e bradae com todas as veras da alma:

Viva Portugal! Viva a Republica! Viva Theophilo Braga! Viva os heroes de 5 d'outubro!

Em seguida fala o governador civil, agradecendo a prova de sympathia, estima e fidelidade dos seus camaradas — com que sempre contára. Quizera dizer o que lhe vae na alma mas a commoção não lhe consente.

Prometto fazer o possivel para que a corporação prospere e opportunamente irá ao quartel agradecer a visita.

Em seguida abraçou todos os seus camaradas.

### **Marche aux flambeaux**

Pelas 6 horas e meia da tarde no recinto do Calvario organizou-se uma *marche aux flambeaux* promovida por fervorosos apóstolos da democracia.

A marcha levava na vanguarda cerca de 300 pessoas com balões venezianos, um trem conduzindo alguns membros da comissão, alferes Nobrega, tenente Praça, sargento Cardoso, Administrador do concelho e uma filha do nosso correligionario Bento d'Oliveira vestida caprichosamente de Republica, na retaguarda tocava a «Portugueza», a banda de musica de Matheus e uma enorme quantidade de povo que a entoava.

Esta marcha assim organizada, percorreu quasi todas as ruas da villa soltando delirantes vivas aos heroes de 5 d'outubro, ao exercito, á marinha, ao governo provisorio, á patria, e ao governador civil do districto.

Realisou-se pelas 8 horas e meia da noite um espectáculo, no qual tomavam parte os artistas Dubrac, Ruy da Cunha luctador portuguez e George le Boucher luctador francez.

No logar da auctoridade estava a bandeira republicana e nos camarotes lia-se *Ordem e Trabalho, Ordem e Progresso*.

No começo do espectáculo foi executada a «Portugueza» que se ouviu de pé sendo soltados muitos vivas á Republica Portugueza, á Patria, ao exercito, á marinha etc.

## Manifestações em Villa Real

Pouco depois das nove horas da manhã de quinta feira anterior, chegou a Villa Real a nota official da proclamação da Republica em Lisboa. Esta noticia causou enorme sensação. Pelas ruas principia a notar-se grande movimento, que redobra de hora para hora.

Ao meio dia rebenta no ar grande quantidade de foguetes, primeira manifestação de regosijo pelo advento da Republica.

Em todos os logares, nas praças, nos estabelecimentos commerciaes da localidade, ha discussões acaloradas, apreciando cada um a seu modo os ultimos acontecimentos.

É o assumpto do dia.

Seriam oito horas da tarde, approximadamente, quando no edificio do governo civil tomou posse do logar de primeira auctoridade do districto o sr. Adelino Samardan.

Ao acto assistiu grande numero de individualidades e entre ellas muitos amigos pessoases que ahi conta a nova auctoridade. No final, foram levantados calorosos vivas á Republica Portugueza, ao presidente do governo provisorio, ao ministerio, vivas que foram correspondidos no meio de grande alegria e animação.

Cá fóra, um numeroso grupo de populares, empunhando bandeiras verdes e vermelhas, n'uma grande febre de entusiasmo, cantava a *Portugueza* e recebia com vivas salvas de palmas a nomeação do sr. Adelino Samardan, como governador civil.

O mesmo grupo dirigiu-se em seguida ao quartel general e mais tarde á *gare* do caminho de ferro aguardar o comboio.

N'um e n'outro logares soltaram phreneticos vivas ao Exercito, á Patria, á Liberdade e ao governo. Até ás 10 horas e meia da noite não

cessaram as manifestações, que decorreram muito ordeiras.

Á 1 hora da tarde do dia seguinte, sexta feira, foi lida da varanda dos Paços do Concelho a proclamação da Republica pelo sr. governador civil à enorme mole de povo que alli se dirigiu de proposito e ainda a um batalhão d'infanteria 13, que se foi postar com a respectiva banda em frente ao edificio da camara.

Tambem alli estava um esquadrão de cavallaria 6, que tinha vindo a Villa Real para prestar homenagem ao sr. D. Manuel por occasião da sua annunciada visita a esta terra.

No fim da leitura, ou antes, da proclamação, o snr. Adelino Samardan levantou um sentido viva á Republica Portugueza, que foi correspondido com verdadeiro delirio por parte da assistencia.

A banda d'infanteria faz soar a *Portugueza*, e emquanto o elemento militar apresenta armas e faz continencia, — o povo bate palmas que se repercutem por muito tempo, irrompendo os mais entusiasticos vivas á Liberdade, ao Exercito e á Republica.

Em seguida o regimento desfila pelas ruas da villa ao som do novo hymno nacional, o que exalta grandemente o povo, que vae á frente da banda, doido de alegria, erguendo ininterruptas saudações ao governo da Republica e tremulando no ar, com jubilo o mais intenso, a bandeira verde e encarnada — symbolo da instituição vigente.

Foi um manifestação verdadeiramente imponente e commovedora.

No domingo ultimo, de manhã, toda a corporação de Bombeiros Voluntarios, d'esta villa, foi cumprimentar e saudar o sr. governador civil, a qual foi recebida com muita gentileza e cortesia pela digna auctoridade.

Á noite, uma banda de musica percorreu Villa Real, levando á frente muito povo que não cessou de acclamar sempre com extraordinario entusiasmo o governo, de que é insigne presidente o sr. dr. Teophilo Braga. Foi n'esta mesma occasião organisada uma luzida marcha *aux flambeaux*, ouvindo-se con-tinualmente a voz do

povo, que cantava a *Portuguesa*, acompanhando a musica.

Á porta do Hotel Tocaio, como se sabia que estava alli o sr. governador civil, houve uma grande manifestação de regosijo. Aquella auctoridade appareceu então, recrudescendo n'este momento as saudações.

NOTA CURIOSA: — Um estudante, na occasião d'esta ultima manifestação em frente ao Tocaio, onde estavam muitas pessoas de representação social a presenciar a occorrenca, teve esta espirituosa exclamação:

— *Vivam os republicanos de ha tres dias!...*

Este dito provocou grande hilaridade na assistencia. E foi pronunciado a tempo...

*O Villarealense*, Vila Real, 13 de Outubro de 1910, p. 2.

## A Revolução em Villa Real

Corriam cheios de sol, de vida e d'encanto, os primeiros dias d'outubro.

N'uma lufa-lufa estonteadora, se preparavam as manifestações para a régia viajata.

Levantavam-se pelas ruas arcos triumphaes, lançavam-se em cordeis bandeiras ao vento, escovavam-se casacas anti-diluvianas e alisava-se o fino pello de cartolas antigo regimen.

N'esta azáfama realenga, se revolvía o mundo politico villarealense.

De repente, como raio que corta os ares, surgem noticias indecisas de uma revolução em Lisboa.

No cabo da Villa, no Campo, na rua do Poço, no Macario, no Araujo, no Tocaio e nos Latagões, ha grupos que commentam as noticias incertas que circulam.

Os desencontrados beatos, envolvem uns, no mais profundo desanimo; outros, entusiasmo quente, vivo e vibrante.

E' que os primeiros vêem deante de si a tragica morte da sua personalidade, da sua importancia, do seu estomago, no triumpho da revolução: os segundos, os opprimidos, os esmagados, sonhando-a triumphante, aneiam pela hora redemptora da liberdade, da justiça e da verdade.

Numerosos eram esses grupos. Um d'elles, composto do ex-Albino, do Eduardinho, do Zezinho d'Anta, do Albaninho e do Vieira ex-Petronio, cochicha, segreda, impacienta-se, manda emissarios, telegrapha, irrita-se, succumbe, enthusiasma-se, indigna-se, aquece, resfria, emfim, muda de minuto a minuto de pensamento,

de orientação.

Um ou outro que procura abeirar-se d'elles para informar-se do que se passa, é recebido malcreadamente e corrido como cão leproso.

Que o diga o João Botelho.

Nos Latagões, outro grupo ali se encontrava em actividade de commentarios.

Formam-n'os, o Chico Antunes, o Capitão Aquiles, o Mano Africano, o Chico Cabral, etc.

Uns, atacam; outros, defendem o movimento.

Aqui vae uma pallida idéa d'essa palestra curiosissima.

**Chico Antunes** — Isto não pode ser. Meia duzia de garotos, a perturbarem a tranquillidade nacional, e a impedir a marcha governamental, tão admiravelmente dirigida pelo actual governo! Isto não pode ser. Está lá um homem de governo, de pulso rijo de redea testa, de acção e de valor. Estão bem entregues, estão com o seu homem.

**Capitão Aquiles** — Como você está enganado! Não é um homem que pôde suffocar e algemar um povo. Se a Revolução estalou, outra coisa não havia a esperar.

A Revolução não é mais que o resultado da nefasta obra da monarchia, da bambochata dos adeantamentos, das roubalheiras do Credito Predial, e da ambição desmedida de todos os politicos que nos têm governado. Se o povo e o soldado se revolta, é que vê o descalabro total da nossa patria e procura accudir á derrocada.

**Chico Antunes** — O povo! O soldado! Ao povo e ao soldado, eu lhes diria se fôra governo. A propaganda republicana em comicios, os jornaes republicanos, nos quarteis, eram um ar que lhe dava.

**Capitão Aquiles** — Como você continua enganado! Quanta mais prohibição, maior propaganda e maior diffusão da idéa prohibida.

E demais, não sabe o Antunes, que as idéas entram até às fechaduras!

**Chico Antunes** — Se eu fôra commissario de policia, como o

era em 31 de Janeiro, eu lhe juro que a Republica se não implantaria, pelo menos em Villa Real!

(Gargalhada geral da assistencia).

Não riam. Se esses republicanelhos têm força de vir para a rua, que venham, que ainda ha pelourinhos, ainda se sabem construir forcas, e Timor ainda é nosso.

**Capitão Aquiles** — Vou-me com essa. Antunes; boa noite.

No dia seguinte, chegam noticias officiaes do Triumpo da Revolução e da Proclamação da Republica.

Adelino Samardan, o velho republicano de Traz-os-Montes, vae no meio de vivas aclamações populares, tomar posse da governação do districto, que fôra o feudo de Sousa e de Azevedo.

Chico Antunes, ia á posse, e os seus vivas destacavam-se, no meio das aclamações do povo!

Os pelourinhos tinham cahido, já não havia quem fizesse forcas e até já nem Timor era nosso!

Fechando estes subsidios, para a historia da Revolução em Villa Real, citaremos as postas-projectos, que ficaram no tinteiro da monarchia.

**Ex-Albino** — Uma direcção geral.

**Eduardinho** — Tribunal de contas.

**Albaninho** — A Recebedoria.

**João Baptista** — Conservatoria.

**Vieira Ex-Petronio** — Um consulado em Cravellas de Riba.

Ficava de fôra apenas o Chico Ribeiro, a quem diziam:

Espera Chico, não se póde fazer tudo d'uma vez, tu vaes na segunda fornada.

— Sim, sim, — respondia o Chico — desde que me entendo, tenho andado sempre n'isto, *Vaes para outra vez, vaes para outra vez*. E aqui vou sempre ficando na piolheira das Obras Publicas.

— Socega Chico, que se te ha-de arranjar um bom lugar. Não

necessitarás mais da Luzitana, nem dos Candieiros.

— Sim, sim, esses figurões que nós fizemos com o nosso trabalho e a nossa influencia, já se não lembram que sahiram d'aqui com tombas e cuadas.

Vejo que os meus serviços politicos, não são tomados na devida conta, mas oxalá se não enganem.

— Socega Chico.

— Cá vou socegar para a rua das Pedrinhas, socegar na piolhice das Obras Publicas. Cá vou, cá vou...

*A Republica Portuguesa*, Lisboa, 24 de Janeiro de 1911, p. 1.

## Recordando...

Já lá vão vinte e um anos e parece que foi ainda ontem...

O dia seis amanhecera na capital trasmontana limpido, luminoso, dando uma manhã pura mas fria d'um outonismo claro e tonificante. Havia uma serenidade absoluta nos ceus, que contrastava com a ancia enervadora que se apoderara do espirito de todos os que desejavam saber, com nitidez, o que se passava em Lisboa. Dois dias haviam decorrido já na perpelexidade mortificante de mil noticias desencontradas. De positivo sabia-se apenas que temerosas perturbações agitavam a capital e que a fusilaria era terrível no tumulto dum serio movimento revolucionario. A Esperança alimentava todos, — os que supunham que o velho trono ainda não ruiria dessa vez e os que vislumbravam na radiação formosissima dessa manhã inesquecível o alvorecer duma Patria nova, Fenix estranha renascendo das proprias cinzas mais forte, mais pura e mais bela e audaz.

Mas eis que perto das 8 horas um telegrama enviado ao **Povo do Norte**, por um nosso conterraneo, então estudante da Universidade do Porto e hoje oficial do exercito, cai abruptamente no nosso meio, retumbante como um aerolito que subitamente explodisse, num trovão formidavel, cheio de mil faiscas coruscantes:

*«Os insubordinados triunfaram. A Republica foi proclamada ontem...»*

Tal telegrama, ainda nos recorda, foi reclamado pelo General Comandante da 6.<sup>a</sup> Divisão, visto não haver ali noticia alguma sobre o que se estava passando na capital.

Houve a paralisação estantanea e solenissima das novas que

esmaga as almas em suspensões que valem seculos. Naquele segundo sem igual na nossa historia moderna, todos se olharam e ficaram como petrificados, — o Barro expulsando o Espirito, este recolhendo-se em si num esforço prodigioso de renuncia a toda a subjectivação animica ainda a mais simples, a mais instintiva. Sim, foi um segundo para nós sem precedentes, e se mil anos viveramos jámais se apagaria da nossa memoria sempre feliz em recorda-lo, como hoje o recordamos nesta emoção eterna e profunda que nos consola intimamente pelo muito que amamos esta Patria tão santa na sua historia de civilisação e tão amorosa na face inegualavel da sua natureza bela!

Lgrimas correram silenciosas naquela hora sobre todas sagrada. Subiram do coração na ternura irreprimivel dos sentimentos mais dignos que o amor patrio pode gerar no peito de bons e leais portuguezes. Depois do batismo pelo fogo e pelo sangue, a Republica teve a ungir-lhe a fronte radiosa a emoção sentidissima de nós todos. Elevaram-na no ceu adoravel de Portugal, a um tempo, as forças vivas e potentes da metralha que sibilou, da sangueira que correu, dos gritos dos que ficaram varados, das lagrimas que todos choraram de alegria, das saudações febris dos que por Ela morriam beijando a terra do combate e aclamando a redenção duma nacionalidade que não pode desaparecer.

Ela está firme e forte na aliança indestructivel da Razão e do Sentimento, da Moral e do Direito, da Sciencia e da Consciencia. Ela viverá feliz pelo sacrificio constante das dedicações desinteressadas; e da sua felicidade ideal cairá sempre por sobre as gerações portuguezas, do presente e do futuro, a graça benefica e purificadora da Obra abençoada que lhe fulge no olhar sereno e forte e lhe palpita na alma ainda mais forte e mais serena.

**Salvé Republica Portuguêsa!**

## Índice

<i>Introdução</i> , Elísio Amaral Neves . . . . .	5
<i>Projecto de viagem do Rei ao norte do paiz</i> , Teixeira de Sousa . . . .	18
<i>Projecto da Visita de S. M. S. El-Rei D. Manuel a Vila Real</i> — 5 de Outubro de 1910, A. M. Pires Cabral (Inv. de Elísio A. Neves)	20
<i>O 5 de Outubro visto de Traz-os-Montes</i> , Sousa Costa . . . . .	24
<i>O 5 de Outubro — A vitória dos revoltosos</i> , Sousa Costa . . . . .	31
<i>Proclamação da Republica</i> , “O Povo do Norte” . . . . .	33
<i>Manifestações em Villa Real</i> , “O Villarealense” . . . . .	37
<i>A Revolução em Villa Real</i> , “A Republica Portugueza” . . . . .	40
<i>Recordando...</i> , “O Povo do Norte” . . . . .	44

